

OS MODELOS ORGANIZACIONAIS DAS ESCOLAS E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Ana Carolina Marzullo¹, Jansen Henrique da Silva², Maria Tereza Dejuste³

^{1, 2 e 3} UNIVAP / FEAU, Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos / SP
marzullo@univap.br ⁽¹⁾, jansenhs@hotmail.com ⁽²⁾ e dejuste@univap.br ⁽³⁾

Resumo— Este artigo busca reunir diferentes modelos organizacionais de escolas e modelos de relação professor-aluno adotados nessas instituições, salientando suas principais características. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de se identificar quais são os modelos organizacionais de escolas existentes e como são estabelecidas as relações professor-aluno nas instituições referentes a cada modelo. Foram identificados 5 modelos organizacionais e suas respectivas formas de relação professor-aluno: Escola Tradicional, Escola Nova, Escola Ativa, Escola Conducionista e Escola Construtivista. Esses modelos foram discutidos e destacando-se as principais características de cada modelo e cada relação, apontando os problemas encontrados em cada um deles. Pode-se concluir que uma boa relação entre professores e alunos depende, fundamentalmente, do modelo organizacional adotado pela escola, e da forma como o professor trata seus alunos, seja pelo clima estabelecido, pela relação empática, por sua capacidade de ouvir, refletir e discutir no nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Palavras-chave: Professor, Aluno, Relações Pessoais, Educação, Escolas

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor-aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana (SILVA, 2005). O modelo organizativo da escola têm um papel fundamental no desenvolvimento dessa relação, visto que professores e alunos podem ensinar e aprender através de suas experiências, conforme a política adotada pela instituição de ensino.

Desde o século XIX, diversos modelos de condução da relação professor-aluno têm sido propostos e discutidos, suportados principalmente pelas constantes mudanças dos modelos de escolas.

Nesse contexto, destacam-se três abordagens distintas. Dentro da abordagem comportamentalista, segundo Saviani (1991), o professor é um planejador do ensino e da aprendizagem que trabalha no sentido de dar maior produtividade, eficiência e eficácia ao processo, maximizando o desempenho do aluno. O professor, como um analista do processo, procurando criar ambientes favoráveis de forma a aumentar a chance de repetição das respostas aprendidas. Passando para a abordagem humanista, Mizukami (1986), destaca que o

professor, como facilitador da aprendizagem aberto às novas experiências, procura compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tenta levá-los à auto-realização. A responsabilidade da aprendizagem (objetivos) fica também ligada ao aluno, àquilo que é mais significativo para ele, e deve ser facilitada pelo professor. Portanto, o processo de ensino depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão e do relacionamento com seus alunos. Já em uma abordagem cognitivista, a mesma autora coloca que o professor deve atuar investigando, pesquisando, orientando e criando ambientes que favoreçam a troca e cooperação. Ele deve criar desequilíbrios e desafios sem nunca oferecer aos alunos a solução pronta. Em sua convivência com alunos, o professor deve observar e analisar o comportamento deles e tratá-los de acordo com suas características peculiares dentro de sua fase de evolução. Piaget (1979) aparece como o principal nome na abordagem cognitivista, que desloca o foco da passividade do aluno em relação à informação.

O objetivo deste artigo é reunir diferentes modelos organizacionais de escolas e, conseqüentemente, modelos de relação professor-aluno em diferentes épocas e salientar suas principais características, a fim de melhor observar como aconteceram essas transformações.

Metodologia

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de se identificar quais são os modelos organizacionais de escolas existentes e como são estabelecidas as relações professor-aluno nas instituições referentes a cada modelo.

As palavras-chave utilizadas foram: relacionamento pessoal, relação professor-aluno, educação, escolas, modelos.

Resultados

A seguir, os diferentes modelos organizacionais de escolas e seus respectivos modelos de relação professor-aluno são apresentados.

- *Modelo da Escola Tradicional*: Este modelo, inspirado nas organizações militares e fabris, desenvolveu-se ao longo do século XIX, e ainda hoje subsiste em muitas organizações escolares, sobretudo nas práticas cotidianas. A relação professor-aluno é um modelo que centra as suas preocupações na vontade dos alunos, na memória destes para reter ordens, normas e recomendações, mas também na disciplina, obediência e no espírito de trabalho. A instrução tende a ser magistral e a cultura transmite-se compulsivamente. A relação é a de “superior-adulto” que ensina a “inferior-aluno”, que aprende mediante a instrução, e em clima de forte disciplina, ordem, silêncio, atenção e obediência.

- *Modelo da Escola Nova*: Este modelo aparece no final do século XIX, e desenvolve-se até aos anos 20. Foi, desde o início, uma clara reação contra o modelo da escola tradicional, e tudo o que ela significava. Estamos perante a uma escola aberta, descentralizada e crítica da sociedade. Fala-se pouco em disciplina, mas muito em convivência, dando-se uma enorme importância à participação, autogestão e auto-responsabilidade. Na relação professor-aluno, parte-se do princípio de que o aluno é o centro da escola, o protagonista principal do processo de ensino aprendizagem, em torno do qual se desenvolvem os programas curriculares e a atividade profissional do docente. O professor é o orientador do processo educativo. Os princípios que regem as relações sociais na escola são: atividade, vitalidade, liberdade, individualidade e coletividade, estreitamente relacionados entre si.

- *Modelo da Escola Ativa*: Esta escola surge como reação à escola tradicional, levando até as últimas conseqüências a escola nova, nomeadamente no modo como privilegia as atividades no processo educativo. Surgiu a partir dos anos 20. Na relação professor-aluno, o professor remete-se para uma posição de facilitador de um processo de aprendizagem que é da iniciativa do aluno. A criatividade, a iniciativa, a liberdade individual, a ação e a descoberta são

valores que presidem a todas as relações de trabalho.

- *Modelo de Escola Conduccionista*: Esta escola surge como reação à escola nova e à escola ativa, especialmente em relação ao seu caráter aparentemente desordenado nos processos de ensino e aprendizagem. A sua principal fonte de inspiração é a psicologia behaviorista (da palavra inglesa, *behaviour* = comportamento). O seu modelo pedagógico é a pedagogia por objetivos. Identifica-se com o modelo de uma escola disciplinada, com elevados padrões de eficácia. Na relação professor-aluno, o professor converte-se em um burocrata, cuja única função é interpretar em objetivos operativos e terminais os objetivos gerais definidos pelo Estado, e verificar continuamente se os alunos conseguem atingi-los. A relação professor-aluno está marcada por centenas de objetivos que devem ser atingidos ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem.

- *Modelo da Escola Construtivista*: Este modelo aparece associado às contribuições no domínio da psicologia cognitivista de Jean Piaget. Inicia-se nos anos 60, quando se começa a falar da necessidade de ensinar aos alunos o processo da sua própria aprendizagem, ensinar a aprender, o que implica diversificar os conteúdos do *currículum*. Deixa de ser importante aprender conceitos, conteúdos culturais, como unidades fechadas. Passa-se a dar uma enorme importância aos procedimentos, às estratégias cognitivas que conduzem o aluno à sua própria aprendizagem, mas também se tem em conta as normas, os valores, ou os princípios que estão subjacentes ao contexto e processo de aprendizagem. Neste sentido, o professor deve agora conhecer as principais leis evolutivas e de aprendizagem e adaptá-las à sua prática pedagógica. Na relação professor-aluno, o professor é um mediador no processo de ensino e aprendizagem. Compete-lhe programar, orientar, organizar, proporcionar recursos, e animar as diferentes atividades prosseguidas pelos alunos; não é um mero instrutor, nem um simples avaliador. Ele ajuda o aluno a relacionar os novos conhecimentos com os anteriores, deixando que este controle todo o processo.

Discussão

Muito se tem investigado sobre os modelos organizacionais e as relações entre professores e alunos nos últimos tempos.

Para Martins (2006), a Escola Tradicional era aquela que negava as pedagogias novas, progressistas, inovadoras e modernas, ao nível das concepções, dos métodos e das técnicas pedagógicas, das formas organizativas e disciplinares. Na opinião deste autor, atualmente

as escolas consideradas tradicionais são aquelas que seguem modelos pedagógicos pertencentes ao passado, ou são obsoletas em relação às mudanças e inovações. Entretanto, seus defensores enfatizam que não há como formar um aluno crítico e questionador sem uma base sólida de informação. As escolas que seguem esta linha pedagógica privilegiam a transmissão do conteúdo. O professor, cuja função é transmitir conhecimento e informações para os alunos, é o guia do processo educativo.

A Escola Nova chega para denunciar o caráter centralizador organizativo e burocrático do sistema educativo. Inspirados nas idéias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação, os criadores deste modelo viam em um sistema estatal de ensino público, livre e aberto, o único meio efetivo de combate às desigualdades sociais da nação. Lourenço Filho (1930), por exemplo, em seu famoso livro intitulado "Introdução ao Estudo da Escola Nova" defende esse ideal.

Para Adolphe Ferrière, a Escola Ativa era a escola fundada sobre a ciência da criança, ou em outras palavras, era a aplicação das leis da psicologia à educação das crianças (FERRIÈRE, 1929). Ferrière insiste neste aspecto em suas obras, destacando que a Escola Ativa não era um método como tantos outros, mas a aplicação das leis da psicologia genética à educação. Para ele, não era possível atuar "sobre" a criança, mas incitá-la a agir autonomamente.

Entretanto, esses dois últimos modelos passaram a ser vistos como desordenados, e incentivam a criação de uma escola bem disciplinada, com elevados padrões de eficácia, que ficou conhecida como Escola Conduccionista. Neste modelo, a aprendizagem é concebida como um mecanismo de "estímulo-resposta". Apresenta-se um determinado material a um aluno e espera-se uma resposta. Após esta operação o professor analisa as respostas dadas e fornece a informação referente aos resultados atingidos. Por último, espera-se que os resultados positivos estimulem o aluno a interiorizar os conteúdos da sessão ou lição, e os resultados negativos o convençam a voltar a pensar. Nesta teoria os alunos são encarados de uma forma passiva, sendo freqüentemente reduzidos a meros receptáculos de saberes que lhe são transmitidos, independentemente dos seus estados cognitivos (FONTES, 2008).

O último modelo a ser discutido foi criado nos anos 60 e contou com grande colaboração do filósofo Jean Piaget. A Escola Construtivista propõe que o conhecimento resulta da interação de uma inteligência sensório-motora com o ambiente. Estudos demonstram que uma criança aprende espontaneamente, organizando os dados do exterior a partir dos quais vai construindo seu

conhecimento, e não é um "ser" moldado pelo professor (TENÓRIO, 1997). Esta proposta dá prioridade aos conhecimentos que a criança traz consigo, buscando fazer com que esses conhecimentos sejam aprofundados, reconstruídos em diferentes momentos e de diversas formas. Mais do que uma linha pedagógica, o Construtivismo é uma teoria psicológica que busca explicar como se modificam as estratégias de conhecimento do indivíduo no decorrer de sua vida. O professor tem o papel de coordenar as atividades, perceber como cada aluno se desenvolve e propor situações de aprendizagem expressivas. A informação e o conteúdo são fundamentais, mas o processo pelo qual o aluno chega a eles e como estabelece relações e comparações é o mais importante. Dessa maneira, as escolas acreditam que formam crianças mais críticas, opinativas e investigativas. As disciplinas estão voltadas para a reflexão e auto-avaliação, portanto a escola não é considerada rígida.

Conclusão

Esta análise indica que uma boa relação entre professores e alunos depende, fundamentalmente, do modelo organizacional adotado pela escola, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir no nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica, também, que o professor educador busca educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível em uma abordagem global, trabalhando o lado positivo das crianças e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e cõscio de suas responsabilidades sociais.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos ensinamentos da Prof. Dra. Maria Tereza Dejuste de Paula, que muito contribuíram para a construção deste artigo.

Referências

- FERRIÈRE, A. **A Lei Biogenética e a Escola Ativa**. Tradução de Noemy Silveira. Prefácio de M. B. Lourenço Filho. São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos, 1929.

- FONTES, C. **Navegando na Educação**. Teorias de Aprendizagem e Software Educativo. Disponível em: <http://educar.no.sapo.pt/teorias.htm>
Acesso em: 15/05/2008.

- LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- MARTINS, E. C. Idéias e Tendências Educativas no Cenário Escolar. Onde Estamos, Para Onde Vamos? **Revista Lusófona de Educação**, n.7, p. 71-90, 2006.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: As abordagens do Processo.** São Paulo: EPU, 1986.
- PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez Editora, 25ª edição, 1991.
- SILVA, J. P. S. A Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 52, 2005.
- TENÓRIO, R. M. **Construtivismo, Sociedade e História no Ensino da Matemática.** Sitientibus, Feira de Santana, n. 17, p. 117-127, 1997.